

PRÁTICAS AGRÍCOLAS E PRODUÇÃO DE SEMENTES CRIOULAS NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS KALUNGA DE GOIÁS

PATRICIA TORRES DE ARAÚJO

Aluna de Graduação em Tecnologia em Agronegócio na
Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade Campos Belos (GO)
Bolsista de Extensão CNPq e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas
Trabalho, Território e Políticas Públicas (UFG/CNPq).
E mail: patriciaagro.2012@hotmail.com

WILLIAN OLIVEIRA DA SILVA

Aluno de Graduação em Tecnologia em Agronegócio na
Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade Campos Belos (GO)
Bolsista de Extensão CNPq e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas
Trabalho, Território e Políticas Públicas (UFG/CNPq).
E mail: willianbroz12@hotmail.com

MARCELO RODRIGUES MENDONÇA

Professor dos Programas de Graduação e Pós Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Goiás (IESA\UFG). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas
Trabalho, Território e Políticas Públicas (UFG/CNPq).
E mail: ufgmendonca@gmail.com

VALMIR CRISPIM DOS SANTOS

Professor de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação do Tocantins
Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás
Programa de Pós Graduação em Geografia - Regional Catalão. Membro do Grupo de Estudos
e Pesquisas Trabalho, Território e Políticas Públicas (UFG/CNPq).
E mail: valmircrispim@hotmail.com

Resumo

O sucesso em qualquer cultivo visando à produção de sementes significa reunir todas as condições que permitam que as plantas expressem todo o seu potencial produtivo. Os fatores ambientais, o manejo do solo, o número e a distribuição das plantas, os tratamentos culturais e em especial, a qualidade das sementes são componentes decisivos dos sistemas de produção, que podem afetar o rendimento da lavoura. Essas observações aplicam-se na produção de sementes certificadas utilizadas prioritariamente nas grandes lavouras comerciais, incluindo nesse caso os Organismos Geneticamente Modificados. No caso da produção de Sementes Crioulas o processo não passa pelos critérios mencionados, pois a prática de produção está baseada nos *saberes e fazeres* tradicionais cultivados pelos camponeses. Sementes crioulas são aquelas que ainda não sofreram modificações genéticas por meio de técnicas de melhoramento genético, como as híbridas e as transgênicas. Estas sementes são chamadas de crioulas ou nativas porque, geralmente, sua seleção foi desenvolvida por comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos etc. Nesse artigo, mostraremos alguns aspectos importantes relacionados à produção de Sementes Crioulas, utilizadas pelas Comunidades Quilombolas Kalunga que habitam a Região Nordeste de Goiás.

Palavras chaves: quilombola, sementes crioulas, cerrado.

Introdução

Qualquer cultivo visando à produção de sementes necessita reunir algumas condições básicas que permitam que as plantas expressem todo o seu potencial produtivo. Os fatores ambientais, o manejo do solo, o número e a distribuição das plantas, os cuidados culturais e em especial, a qualidade das sementes são componentes decisivos dos sistemas de produção, que podem afetar o rendimento da lavoura. Deve-se ater ainda aos dispositivos legais determinados pela lei nº 10.711/2003¹, que regulamenta o Sistema Nacional de Produção de Sementes e Mudas. Essas observações aplicam-se na produção de sementes certificadas utilizadas prioritariamente nas grandes lavouras comerciais, incluindo nesse caso os Organismos Geneticamente Modificados.

No universo camponês a produção das Sementes Crioulas assume contornos completamente diferentes da agricultura comercial dominada pelas multinacionais de veneno e transgênico. O processo não passa pelos critérios mencionados, pois não leva em conta apenas as especificidades do solo, clima, recursos hídricos e, mas principalmente os *saberes e fazeres* e as experiências e vivências dos camponeses assim afirma Mendonça (2012). Nesse universo, semente não é algo que se apropria para ressignificar e torná-la em mercadoria passível de ser comercializada nas bolsas de valores. No mundo camponês as sementes são repassadas entre os agricultores apenas pelo prazer de espalhar sua seleção, distribuindo seus saberes entre os compadres da comunidade.

Sementes crioulas são aquelas que ainda não sofreram modificações genéticas por meio de técnicas de melhoramento utilizadas atualmente, como as híbridas e as transgênicas. Estas sementes são chamadas de crioulas ou nativas porque, geralmente, sua seleção foi desenvolvida por comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos etc. Nessas comunidades ainda é possível encontrar uma rica variedade de arroz, milho, feijão, mandioca, abóbora, e outros de fundamental importância na consolidação da soberania alimentar camponesa.

¹Conforme a Lei nº 10.711 de agosto de 2003, ficam isentos da inscrição no Renasem os agricultores familiares, os assentados da reforma agrária e os indígenas que multipliquem sementes ou mudas para distribuição, troca ou comercialização entre si. Ocorre que a limitação da lei em relação a outros camponeses tradicionais preocupa os movimentos de luta pela terra e soberania alimentar.

Nesse artigo, mostraremos alguns aspectos importantes relacionados à produção de sementes, em especial as Sementes Crioulas utilizadas pelas Comunidades²..., Quilombolas Kalunga que habitam a Região Nordeste de Goiás. As experiências relatadas constam da fase inicial do resgate, produção e conservação de sementes crioulas nas comunidades quilombolas e assentamentos rurais nos territórios da cidadania: Chapada dos Veadeiros e Vale do Paranã, desenvolvidos pela Universidade Federal de Goiás, na região da Chapada dos Veadeiros, incluindo a Comunidade Quilombola Kalunga.

Os Povos Quilombolas Kalunga são agricultores descendentes de trabalhadores escravizados nas atividades mineradoras na Capitania do Norte de Goiás nos séculos XVIII, XIX, quando uma grande quantidade de trabalhadores foi enviada à região para trabalhar nas minas de ouro. A *(RE)Existência* construída contra o trabalho escravo levou à formação na região do maior grupo quilombola do Brasil. Os Kalunga são agricultores tradicionais que cultivam em sua essência Sementes Crioulas melhoradas na seleção diária consubstanciada no trabalho com a terra no Vão do rio Paranã³ nos estados de Goiás e Tocantins. Essa pesquisa abrange apenas as comunidades localizadas nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás.

Localização e caracterização da área da pesquisa

Os municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás, onde está territorializada a Comunidade Quilombola Kalunga de Goiás, localizam-se na Mesorregião Administrativa Nordeste Goiano, Microrregião da Chapada dos Veadeiros, a 590 km de Goiânia e a 430 de Brasília. O acesso ocorre pela rodovia GO - 118, que liga o Distrito Federal a Divisa dos Estados de Goiás e Tocantins. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010) os municípios possuem área de 10.858 km², ocupada por 19.872 habitantes.

O Índice Médio de Desenvolvimento Humano (IDH) dos municípios calculado pelo Programa das Nações Unidas (PNUD, 2013), era de 0,615 em 2013, considerado baixo na escala que vai de zero a um. Essa classificação é uma das piores de Goiás, e mesmo assim não

²Segundo Fernandes (1973, p. 122), comunidade se caracteriza pela existência de um grupo de pessoas que vivem juntas, de modo tal que partilhem não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum. Para Claval (2007, p.114), uma comunidade pode ser formada a partir de elos de sangue e da aliança que unem membros de uma mesma família ou orientação religiosa

³O Vão do Paranã é uma forma alongada no sentido norte sul, como um corredor espremido entre alinhamentos elevados de serras e chapadões; ao mesmo tempo um “buraco”, as profundezas de um espaço [...] (BARREIRA, 2002, p. 91).

representa fielmente as características da região, pois nela não estão elencados os processos de luta e expropriação que historicamente foram submetidos os habitantes negros e indígenas que habitaram e habitam os municípios.

Os três municípios como na maioria dos municípios brasileiros tem no serviço público e na agropecuária as principais fontes de renda e empregos. A atividade econômica de maior destaque nos municípios é a pecuária, com um rebanho de 200.000 bovinos (AGRODEFESA 2015), distribuídos em 1850 propriedades rurais. Dessas propriedades 72%, se enquadram como pertencentes à agricultura familiar conforme a lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006. O Território Quilombola Kalunga com área de 2.562 km², somado ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, forma uma das maiores áreas contínuas de Cerrado preservadas no estado Goiás, com 3.200 km².

O Território Quilombola Kalunga possui uma extensa rede hidrográfica, tendo no rio Paranã o principal curso de água. Outros rios como o Prata e o rio Corrente possuem importância fundamental na Comunidade, pois cortam grandes extensões de terras, matando a sede e espalhando a vida pelos sertões. A figura (01) mostra os municípios que contem áreas pertencentes ao Território Quilombola Kalunga em Goiás.

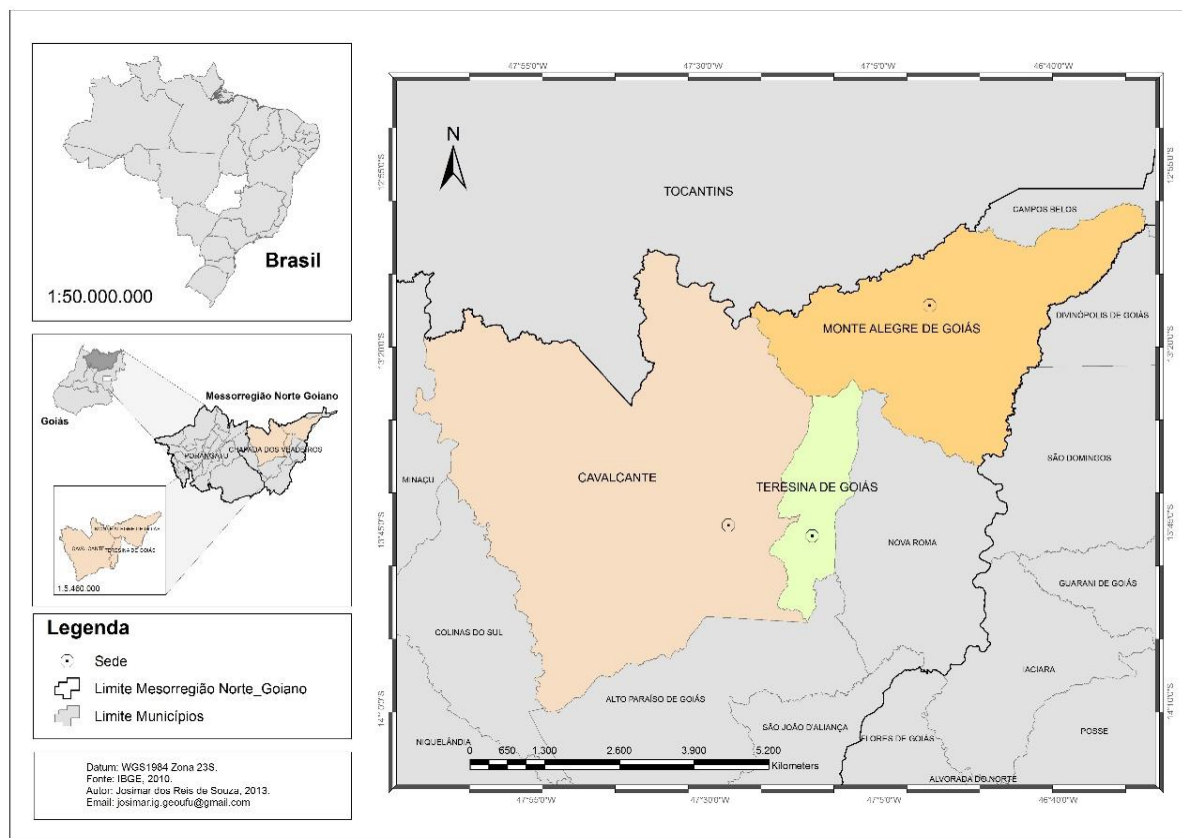


Figura 1: Mapa dos municípios habitados pelo Povo Kalunga em Goiás
Fonte: Santos; Mendonça (2014)

O Território Quilombola Kalunga se caracteriza pela existência de um relevo irregular com elevações que chegam a 1200 metros de altitude. O clima tropical com temperatura média de 25°, chegando a médias baixas em locais de altitude elevada como os próximos a Alto Paraíso (GO). O índice pluviométrico conforme Barreira (2002), “fica abaixo de 1300 mm nas áreas de baixa atitude, concentrando 70% das chuvas na primavera e verão”, assim como ocorre nas demais regiões do Cerrado.

Os solos em sua maioria são constituídos de formações litólicas e neossolos, com a ocorrência de pequenas manchas de latossolos principalmente nas matas de galerias do rio Paranã, afluentes e próximos às veredas, abundantes por esses lados. São áreas recomendadas principalmente para preservação ambiental ou para uso restrito, no caso, a agricultura tradicional camponesa, praticada nas comunidades espalhadas pelos municípios. As características dos solos nas áreas à disposição da comunidade é um fator limitante às práticas agrícolas, constituindo-se ao longo do tempo como principal razão do desinteresse de fazendeiros em ocupar a área.

Os Kalunga e a luta pelo território

A primeira ocupação da região Nordeste de Goiás ainda é razão de pesquisas para se verificar a origem e a datação das fases de ocupação dos povos pioneiros do Planalto Central. Quando vieram, de onde vieram e como chegaram estes povoadores ao centro do país ainda não se tem muita clareza, carecendo de aprofundamento nas pesquisas arqueológicas para que se possa desvendar essa trajetória

O certo é que na região Central do Brasil tivemos a consolidação de estilos de vida muito próprio do Cerrado, com marcas que avançaram no tempo e no espaço e chegaram aos dias atuais. Os dados disponíveis permitem afirmar que a ocupação humana do Planalto Central ocorreu há aproximadamente 11.000 AP. De acordo com Barbosa (2002):

[...] os dados disponíveis até o momento com amostragens significativas em Goiás, Mato Grosso e Tocantins e Oeste da Bahia, mostram que a ocupação do Sistema Cerrado (entendido como sistema biogeográfico), dos Chapadões Centrais do Brasil, inicia-se a partir de 11.000 AP. Esse horizonte é caracterizado por uma indústria lítica muito homogênea que constitui a Tradição Itaparica, intimamente ligada a forma de exploração dos Cerrados, com mecanismos adaptativos responsáveis por um sistema econômico que perdurou por dois mil anos sem alterações, a não ser aquelas decorrentes da migração. (BARBOSA, 2002, p. 321).

As populações pré-coloniais que ocuparam o Cerrado deixaram marcas que permitem aos estudos antropológicos dizerem, até com certa precisão, como era estruturada sua forma de vida, a produção, a coleta de alimentos e a cultura pautada por onde passaram.

Segundo Gomes et al. (2004), os dados concretos para ligar os fenômenos pré-coloniais aos coloniais ainda são escassos, com poucas pistas esclarecedoras. “Não se pode resumir a história do povoamento em deslocamentos de grupos já existentes, porque resta a pergunta: onde esses grupos existentes formaram-se?” (GOMES et al., 2004, p. 44).

A ocupação recente⁴ da região está diretamente ligada à criação de gado e à exploração do ouro no século XVIII, na porção norte da Capitania de Goiás. As primeiras notícias do povoamento não indígenas datam do século XVII, quando criadores de gado vindos do estado da Bahia ocuparam áreas e montaram fazendas na região chamada por eles de Terras Novas, na confluência dos rios Palmas e Paranã, imediatamente foi instalado um grande conflito com os indígenas das etnias Akroa e Ava Canoeiro habitantes da região.

O terceiro participante da luta pela consolidação do território foram os trabalhadores escravizados nas minas de ouro do Norte da Capitania de Goiás. A luta pela *(RE)Existência* construída nas minas buscava única e exclusivamente o direito à vida, que naquele período era negado aos trabalhadores escravizados.

A sobrevivência dos trabalhadores aquilombados no sertão de Goiás passou necessariamente pela consolidação de um modelo de sociedade pautado na ajuda mútua, na convivência com os indígenas habitantes do território e no desenvolvimento de práticas agrícolas muito peculiares às condições nas quais foram submetidos. Essas práticas que nessa pesquisa chamamos de *saberes e fazeres* estão espalhadas pelo território quilombola e se mostram nos policultivos, na utilização de sementes crioulas selecionadas na comunidade e em especial no cultivo sem a utilização de venenos ou adubos industrializados.

A seleção, produção e conservação de sementes é um dos saberes que acompanhamos na comunidade nos últimos tempos. Essas práticas cercadas de sentidos na comunidade possibilitam ao agricultor a independência em relação às multinacionais do agronegócio, quando conseguem produzir sem a necessidade imposta pelos pacotes da Revolução Verde. Na luta pela consolidação dos territórios camponeses, a disposição de sementes de qualidade no momento do plantio é uma forma de *(RE)Existência* das comunidades frente à invasão patrocinada pela agricultura comercial. As sementes e seus

⁴Quando falamos em ocupação recente referimos à criação de gado por criadores originários da Bahia, (precisamente de Barreiras) e às explorações auríferas do século XVII e XVIII.

significados não representam aos camponeses apenas a possibilidade de plantar mais uma safra. Para Mendonça (2010):

As sementes são muito mais que um recurso produtivo, sendo simultaneamente, fundamento e produto de culturas e sociedades diversas. Nelas se incorporam valores, afetos, visões, mitos e formas de vida que as ligam ao âmbito do sagrado. Por isso, as sementes jamais poderão ser apropriadas por quem quer que seja, devendo ter um caráter de patrimônio coletivo a serviço da humanidade. Elas se constituem o meio de sustento e soberania dos povos, garantindo a construção histórica e cultural, especialmente das comunidades rurais. (MENDONÇA, 2010, p. 1)

É a segurança necessária para a garantia da soberania alimentar, haja visto ser o primeiro passo na produção de alimentos de qualidade, para a *(RE)Existência*. No mundo camponês a disponibilidade de sementes de qualidade significa a certeza de colheita farta. Nesse sentido ganha importância as práticas aplicadas pelos camponeses na produção das sementes, e que devem ser potencializadas pelos que desejam garantir sua independência frente ao mercado comoditizado de conhecimentos e saberes tradicionais, incluindo nesse caso o mercado mundializado de sementes.

Cuidados importantes na produção de Sementes Crioulas

A composição genética atual das diversas culturas é o resultado da domesticação, seleção e melhoramento aos quais elas foram submetidas durante os séculos. No entanto, sempre nos perguntamos quando o melhoramento de plantas teve seu início? O milho e outras culturas mostram detalhes que atestam que ela começou na mais remota antiguidade e, indubitavelmente, não era um trabalho dirigido como faz a ciência moderna. O melhoramento desenvolvido pelo homem primitivo resultava da simples procura de tipos mais adequados para satisfazer às suas necessidades, considerando as características do ambiente habitado.

O milho, a batata e a mandioca constituem o exemplo de alimentos originários da América Latina que se espalharam pelo mundo após a chegada dos europeus no século XV, assim como ocorreu com outros alimentos originários preferencialmente na Ásia e na África. Quando aportaram nessas terras os europeus encontraram inúmeras variedades de milho, mandioca, batata e outros alimentos selecionados e consumidos pelos habitantes desde os Andes até o Atlântico. A agrobiodiversidade legada pelos Povos da América Latina foi apropriada pelos europeus, ressignificada e transformada em mercadorias.

São esses materiais que agregam séculos de conhecimentos das populações tradicionais que chamamos de *Sementes Crioulas*, ou seja, aquelas que não sofreram nenhum

tipo de melhoramento dirigido, seja por hibridismo ou manipulação genética. O resgate dessas sementes conforme Mendonça (2012, p. 47) “[...] é necessário porque revigora os valores (tradições) dos camponeses, pois alguns ainda cultivam Sementes Crioulas para o consumo doméstico”.

A seleção, a produção e o armazenamento das sementes crioulas requerem do agricultor cuidados tão importantes quanto os aplicados aos materiais híbridos ou transgênicos. Os cuidados iniciam-se na implantação do cultivo, passando pelos cuidados com a roça, pelo momento certo da colheita, com o armazenamento. Desses cuidados dependerá a qualidade da semente que será utilizada no ano seguinte.

As principais vantagens do uso de sementes de qualidade estão na formação da lavoura sem falhas, com população de plantas adequadas, na colheita facilitada, na maior resistência a insetos, doenças e na maior adaptação ao solo e clima. Essas recomendações aplicam-se à produção camponesa e ao agronegócio que cultivam produtos geneticamente modificados.

As sementes cultivadas nas unidades camponesas normalmente são intercambiadas regionalmente, tendo como critério de seleção a produtividade do material e em especial o sabor e o rendimento no momento do consumo. O pequeno agricultor ao se referir a uma semente de milho, arroz ou feijão não tem a preocupação de saber da susceptibilidade da variedade às doenças, até porque esse critério não é prioritário. O que vale mesmo são as vantagens observadas pelos agricultores guardiões dessa semente, nas quais ele acredita seriamente. Assim ocorre nas comunidades camponesas tradicionais, incluindo as Comunidade Quilombolas.

A diversidade das variedades cultivadas é uma característica marcante na pequena agricultura, fato presente na Comunidade Quilombola Kalunga de Goiás. Essa diversidade é fundamental para a garantia da continuidade da agrobiodiversidade, expressa acima de tudo na *(RE)Existência* camponesa frente ao milionário mercado de materiais transgênicos. Para Beliváquia (2014):

A utilização das sementes crioulas visa exatamente o resgate e o aumento na utilização da biodiversidade local frente ao processo da agricultura moderna, focado na uniformização dos cultivares e utilização de um pequeno número de culturas com interesse comercial. Para diversas culturas menos expressivas comercialmente não existem cultivares recomendadas pelas instituições de pesquisa, que realizam melhoramento genético. Assim, as cultivares crioulas passam a ser as únicas em condições de serem utilizadas por apresentarem ampla adaptação aos sistemas locais de produção. A agricultura moderna também está centrada em pequeno número de culturas de interesse como arroz, soja, trigo, milho e batata, e a utilização de

cultivares crioulas pode aumentar o número de culturas de interesse, diversificando os sistemas de produção e garantindo maior estabilidade (BELIVÁQUIA 2014, s/p)

Nas Comunidades Quilombolas de Goiás, a diversidade de cultivos ocorre dentro da mesma roça, onde são semeados normalmente mais de uma variedade de arroz consorciado com outros alimentos, no caso da abóbora, da mandioca, do quiabo e do milho. O policultivo ou a diversidade de variedades da mesma espécie cultivadas simultaneamente na mesma área é uma estratégia dos agricultores na convivência com as adversidades climáticas existentes no Cerrado. Dessa maneira tem a garantia de que nos períodos críticos do “veranico de janeiro”, alguma das variedades possam apresentar as condições ideais para suportar as adversidades climáticas.

Outra vantagem observada no consorciamento das espécies crioulas está na convivência harmônica entre as culturas, insetos e as doenças que nos cultivos tradicionais destroem grandes áreas de monoculturas, a exemplo da lagarta *helicoverpa armigera*. Em todo o período que acompanhamos as áreas de cultivo era intensa a presença de insetos em meio a plantação, mas não constatamos quaisquer danos causados em função dessa presença. Essa prática confirma a premissa de que a causa maior do alto consumo de veneno pela agricultura brasileira está na prática da monocultura pelo agronegócio, o mar de soja por exemplo. A figura 2 mostra o exemplo da diversificação do cultivo através do consórcio entre o arroz e a mandioca:



Figura 2: Cultivo de arroz consorciado com mandioca
Fonte: pesquisa de campo – abril de 2015

Observa-se que os cuidados não passam pela aplicação de venenos no controle de insetos e possíveis doenças que venham a acometer o cultivo. A prevenção encontra-se ligada diretamente ao modelo de agricultura praticado nas pequenas propriedades. A negação às práticas da monocultura e a convivência harmônica com o ambiente local são as principais técnicas de proteção dos cultivos. São práticas comuns nas pequenas propriedades. Outrossim, a exploração do solo vivo possibilita aos cultivos uma perfeita simbiose com bactérias e fungos existentes no solo, e assim criam suas próprias defesas caso venha sofrer um ataque de insetos ou doenças.

As práticas de manejo de solo possuem importância fundamental não apenas na produção de Sementes Crioulas, mas em qualquer cultivo. Elas são a base de qualquer sistema agrícola, seja ele camponês ou comercial. Partimos do entendimento que o solo é um organismo vivo, e como tal devemos tratá-lo para que assim permaneça. Não existe agricultura sustentável onde seja necessário assassinar o solo para que possamos produzir alguma coisa. Mesquita (2012, p. 85), já questionava “que campo é esse em os solos precisam ser assassinados para se transformarem suportes para agricultura de exportação?” Ocorre que nas práticas agrícolas modernas não há espaço para mutualismo⁵. Na agricultura comercial as práticas que visam manter a vida do solo não importam, pois, a nutrição das plantas e a relação destas com o ambiente são totalmente reguladas pela utilização de adubos, venenos e estimulantes diversos. Sobre a importância do solo vivo para a agricultura Ana Primavesi (2012) nos ensina que:

A proteção do solo é muito importante especialmente nas regiões tropicais. Segue ela: Na agricultura química os solos ficam desprotegidos e se colocam simplesmente água é porque a planta precisa dela para viver; é preciso água para esfriar o solo para que este não tenha uma temperatura muito alta. Eu medi a temperatura do solo perto de Goiânia e deu 73° C na camada superficial do solo agrícola. E aí está um dos problemas que nós enfrentamos; o solo tem que ser vivo agregado e permeável e, tem que ser coberto, o que garante o equilíbrio da temperatura (PRIMAVESI, 2012, p. 19).

Essas afirmações da autora deixam claro que o caminho escolhido pelo agronegócio em suas práticas na produção de *commodities* promove um assassinato coletivo dos organismos vivos e essenciais ao solo. O aumento no consumo de veneno experimentado nos

⁵Mutualismo ou simbiose é uma interação ecológica harmônica obrigatória na qual há vantagens recíprocas para as espécies que se relacionam.

últimos anos na agricultura brasileira é o exemplo mais evidente que estamos em um caminho sem volta. Só que essa certeza não faz parte do mundo do agronegócio.

A produção de sementes na Comunidade Quilombola Kalunga de Goiás, não obedece aos parâmetros tradicionais de produção de sementes. O agricultor sabe com antecedência qual a área do cultivo será selecionada para retirar as sementes que serão semeadas na safra seguinte. O local onde a roça granou melhor, apresentou o maior desenvolvimento vegetal e resistência a seca normalmente é a escolhida para ser colhida na lua cheia, e guardada em separado para ser semeada no verão seguinte. Não chega a ser uma seleção massal, onde os melhores indivíduos são escolhidos, mas um determinado talhão onde as plantas se desenvolveram melhor.

O momento exato da colheita, a umidade e as práticas de armazenamento são técnicas que apenas os ideais camponeses podem explicar. São os *saberes* tradicionais como a fase da lua que determinam o momento certo da colheita e a forma de armazenagem das sementes. Não cabe aqui discutir a influência da lua na qualidade da semente, no teor de germinação ou no vigor das plantas na próxima safra, pois sabemos que os *saberes e fazeres* camponeses estão acima das técnicas utilizadas pela ciência positivista para explicar os efeitos desses fenômenos naturais no ambiente.

Nas unidades de cultivo acompanhadas na safra atual (2014/2015), os agricultores realizaram a colheita das áreas reservadas para sementes de arroz apenas no período de “lua cheia”. Questionados pela equipe do Projeto de Pesquisa sobre a importância dessa prática os agricultores foram unânimes em dizer que “colhendo na lua cheia as chances da semente carunchar⁶ são menores, com isso a germinação ocorre com mais vigor no próximo cultivo”. (informação verbal)

Esses saberes existem apenas nas práticas e nos saberes camponeses seja ele indígena, assentado, quilombola, ribeirinhos e outros. São práticas milenares que acompanham a humanidade desde os primórdios da seleção das plantas comestíveis, e que, infelizmente foram apropriadas, ressignificadas e transformadas em mercadorias. Para Ribeiro (2003): A grande indústria de sementes, de agrotóxicos e farmacêuticos baseia-se no roubo e na privatização dos recursos genéticos e do conhecimento coletivo dos camponeses e dos indígenas adquiridos através dos séculos Ribeiro (2003, p. 71).

⁶São insetos de tamanho inferior a 1 cm, porém de alto potencial biótico. As duas primeiras espécies são popularmente conhecidas como carunchos (*Sitophilusoryzae* e *Rhyzoperthadominica*). São facilmente identificadas pelo aparelho bucal em forma de bico (rosto) cilíndrico que se prolonga a frente da cabeça.

Semente representa a essência da vida, portanto não pode ser apropriada da forma como assistimos atualmente, onde “apenas seis empresas detêm 75% de todas as patentes agrobiotecnológicas do mundo Ribeiro (2003, p.60).” Os materiais geneticamente modificados carregam em sua carga genética características que impedem sua reprodução, forçando os produtores rurais a fazer uma nova aquisição a cada ano. Assim, configura a dependência necessária para a existência dos conglomerados financeiros do agronegócio.”

E é sob esse grande guarda-chuva de interesses diversos, de luta pelo direito de preservar a identidade expressa nos *saberes e fazeres* que os ligam ao território, que a Comunidade Quilombola Kalunga de Goiás, em suas práticas agroecológicas se transformou em guardiões de uma ampla variedade de Sementes Crioulas de milho, arroz, feijão, abóbora, feijão, mamão, mandioca e outros. *Povos cerradeiros* e suas práticas cerradeiras.

Considerações

As mudanças impostas pelo agronegócio às práticas agrícolas atualmente fazem com que uma quantidade cada vez maior de camponeses desista de reproduzir seu modo de vida e procuram as periferias das cidades como último refúgio. São agricultores que levam consigo um conjunto de *saberes e fazeres* responsável pela produção de 75% de todo alimento que chega à mesa dos brasileiros. Deixam para trás a identidade territorial que tentam reproduzir em suas confinadas moradias. “Essa *encruzilhada de tempos*” pode ser observada na reinvenção das práticas socioculturais dos camponeses e trabalhadores da terra que, expulsos dela se reterritorializam nas áreas urbanas [...]” Mendonça (2015, p. 9).

A *(RE)Existência* passa necessariamente no fortalecimento das práticas culturais ainda existentes nas comunidades camponesas espalhadas pelo Cerrado, em especial nos territórios quilombolas da Chapada dos Veadeiros. Assim, potencializar as práticas agrícolas através da produção de Sementes Crioulas e plantas medicinais significa possibilitar que esses *Povos Cerradeiros* tenham mais razões para permanecer em seus territórios de vida, reproduzindo suas práticas culturais.

Nesse contexto é que os trabalhos do resgate, produção e conservação de sementes crioulas nas comunidades quilombolas e assentamentos rurais nos territórios da cidadania: Chapada dos Veadeiros e Vale do Paranã busca em suas ações mapear, quantificar, qualificar e valorizar as práticas agroecológicas em produção de Sementes Crioulas na Comunidade Quilombola Kalunga ganha importância no território.

Entendemos que a valorização das práticas agrícolas da Comunidade Quilombola Kalunga de Goiás através da produção de Sementes Crioulas possa reverberar em mais uma das várias ações que busca a consolidação do território quilombola. O fortalecimento dessas práticas aliadas à capacidade dos quilombolas em reinventar o território significa o resgate da autoestima dos agricultores locais, assegurando a soberania alimentar e a consolidação dos *saberes e fazeres* tradicionais.

Referências

BARBOSA, Altair Sales. **Andarilhos da claridade:** os primeiros habitantes do Cerrado. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002.

BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. **Vão do Paranã:** a estruturação de uma região, Ministério da Integração Nacional, Brasília 2002.

BELIVÁQUA, Gilberto Antônio. **Sementes crioulas e a soberania dos povos.** Nosso futuro roubado. Revista Nosso futuro roubado. Disponível em: <http://www.nossofuturoroubado.com.br/arquivos/maio_10/sementes.html>. Florianópolis. Acesso em 12 de mai. 2015.

BRASIL, Lei nº 10.711/2003 de 05 de agosto de 2003. **Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudas e dá outras providências.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.711.htm>. Acesso em 17 de mai. de 2015.

_____. Ministério do Planejamento, orçamento e gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo populacional de 2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em 10 de agosto de 2013.

CLAVAL, Paul. **Geografia e cultura.** Tradução de LuízFugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3 ed. Florianópolis. Ed da UFSC, 2007.

FERNANDES, Florestan. **Comunidades e sociedade:** leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1973

GOMES, Horiestes; NETO, Antônio Teixeira; BARBOSA, Altair Sales. **Geografia:** Goiás - Tocantins. 2 ed, Goiânia: UFG, 2004.

GOIÁS, Agencia Goiana de Defesa Agropecuária. **Sistema de defesa agropecuária de Goiás.** Monte Alegre de Goiás. Disponível em:<<http://sidago.agrodefesa.go.gov.br/index/home>>. Acesso em 17 de mai. de 2015.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **As transformações espaciais no campo e os conflitos pelo acesso à terra e à água:** as novas territorialidades do agro-hidronegócio em Goiás. **Rev. Pegada**, Presidente Prudente, v. 16, n. especial 3, maio 2015. p. 3-15.

_____. **Experiências agroecológicas no Cerrado em Goiás:** o cultivo de sementes crioulas como estratégia de reprodução camponesa. In: MENDONÇA, Marcelo Rodrigues: Agroecologia: práticas e saberes. 2. ed. Catalão 2012. v.1. p. 39-56.

MESQUITA, Helena **Angélica de. Onde estão as flores, as cores, os odores, os saberes e os sabores do Cerrado brasileiro?** O agro-hidronegócio comeu. In: MENDONÇA, Marcelo Rodrigues: Agroecologia: práticas e saberes. 2. ed. Catalão 2012. v.1. p. 59 - 88.

PNUD. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil (2013).** Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano, Rio Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2013.aspx?indiceAccordion=1&li=li_Atlas2013>. Acesso em 20 de janeiro de 2014.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Agroecologia:** práticas e saberes. In: MENDONÇA, Marcelo Rodrigues: Agroecologia: práticas e saberes. 2. ed. Catalão 2012. v.1. p. 09 - 35.

RIBEIRO, Silvia. Camponeses, biodiversidade e novas formas de privatização. In: _____. **Sementes** - patrimônio do povo a serviço da humanidade. 3 ed. São Paulo: Expressão popular, 2003.

SANTOS, Valmir Crispim; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Extensão Rural e Saberes Agrícolas Tradicionais: práticas extensionistas na comunidade quilombola Kalunga de Monte Alegre de Goiás (GO). In: XV Jornada do Trabalho, **Anais...**, Guarapuava (PR), 2014.